

At. San Benedict. Akamp

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietario A. Azevedo.

ANNO I.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se a 24000 por trimestre, na typographia do *Poiz*, Largo do Palacio n. 17.

NUMERO 34.

NOTICIAS DA PACOTILHA.

MARANHÃO, 8 DE SETEMBRO DE 1872.

Inauguraram-se os trabalhos da Companhia Ferro Carris.

Andou tudo muito bem, menos os membros do gado-mauar, que pretenderam fazer e fizeram um formidavel *fiasco*.

Era risonho o aspecto da cidade no domingo passado. Nas ruas, nas janellas e nas esquinas o povo acotovelava-se! Que bulicio! que animação... e que carão!

Na cidade—o desejo desenfreado de subir n'um *band* por espirito de novidade e por uma curiosidade natural e irreprehensivel.

Na estação—o despeito, as pragas e a resignação de jornadaear para caza, naquelle arraial como *Ashaverus*.

FOLHETIM DO DOMINGO.

AS DUAS PRIMAS.

(Vem do nº 30.)

II

Serião oito horas da noite quando Sophia retirou-se para sua casa. Esta convidou sua prima para acompanhá-la...

Rosinha, porém não accetou o convite, porque não gostava das visitas de Sophia,—dos leões que a cercavam, e áquellas horas eram ellas ceptas.

De facto, chegando Sophia a casa, já achou *dous* a sua espera; e, pouco tempo depois, vieram mais *dois, tres e quatro*, áfóra os que passavam e lhe dirigiam os *cumprimentos*.

Todas as noites havia reuniões em casa de Sophia. Jogava-se, cantava-se e... namorava-se. Em poucas noites havia dança, porque as visitas de Sophia eram quasi sempre só de moços.

Sophia tinha sua mãe; mas esta, sendo já muito idosa, e dominada por sua filha, não transgredia as suas ordens e vontades. As suas vistas pois eram fracas, o Sophia, portanto, podia-se dizer que vivia só.

Bonds! bonds em Maranhão! esta realidade soa-nos tão bem aos ouvidos! produz-nos uma commoção, que não nos é dado descrever!

Callai-vos, Srs. pessimistas, é esta a nossa conversão; é preciso havel-a, para collocar-nos á par das mais provincias.

Bem fez o Sr. Estrella, o cysno maranhense, em cantar o progresso na sua lyra prodiga e reservada; bem fez o *apolojista da empresa* em proclamar bem alto o que é o progresso, e bem faço eu, embora pequenino, em louvar a boa vontade dos empresarios.

Bem ou mal, lá estão os trilhos.

TRANSCURÇÃO:

Rvm.º Sr. Fr. *Gulbio*.

«O frade das barbas longas, ó santissimo missionario, á quem o governo paga para pregar... missões, uma vez que trocastes as harmonias da Italia pela profissão do jesuitismo na America, uma vez que não ficastes na

Pobre moça! tão inexperiente e incauta, vivia sósinha n'este mundo cheio de tantos enganos e perdição!

Sophia, tendo-se tornado uma vera namoradaira, era conhecida por todos os *dandys* e *libertinos* da época, os quaes a cercavam, emprestando-lhe mil *encomios* á sua belleza.

E ella, tola e vaidosa acreditava verdadeiros todos esses galanteios, todos esses laços que á ella, pobrosinha, atiravam.

Note-se porem, que Sophia ainda não havia tido mãos pensamentos: as suas idéas eram honrosas e louvaveis. Queria se casar e procurava, sem saber como, prender o seu noivo. Era fraca e inexperiente; acostumou-se nos galanteios, e não pensava em suas consequencias. Acreditava que esse era o meio mais provavel d'uma moça obter mais depressa o seu noivo.

Aconselhal-a e ensina-a as maneiras porque devêra portar-se na sociedade, quem ousaria? Ninguém, se não sua mãe podia ter tal auctorisação; porisso que, agora era difficil fazel-a convencer o quanto lhe poderiam ser terriveis esses modos, que tanto reprovam as pessoas sensatas e só agradão ao malvado e seductor.

E' bem verdade que Sophia sabia fazer-se respeitar. Os seus *admiradores* dirigião-lhe galanteios; usavam

terra de Miguel Angelo tocando violão e fazendo dançar uma *Macaca*, cantando o

Viva *Garibaldi*
E Victor Emmanuel.
Cantando *navarone*,
Embellado no papel.

«Cumprí o vosso mister, mas cumprí-o de maneira que não exceda à vossa autoridade. Quem vos deu o precioso direito de prohibir aos festeiros de Santa Se- vera a realisação da sua festa, quem? Oh! eu vos supplico, já que consentem, consenti tambem; já que não ha na nossa terra uma autoridade que vos abata o jesuitico orgulho, consenti, consenti que os leguetes, a musica, o bloco, os rohettes e mesmo o pan de Sebo. Sr. frade, se ostentem naquella festa. Venha-nos o prazer de ouvir-vos n'um d'aquelles sermões de... encon- menda que nos convertem e nos purificam a alma.»

«Ainda uma vez: consenti: é esta a vontade do povo, e o povo é soberano, reverendissimo.»

Dominus vobiscum.

«O vosso amigo e devoto humilde

Tiburcio

Eu uno os meus aos rogos do Sr. Tiburcio. Consenti, consenti... *est cum spiritu tuo*

O Domingos.

EM ARTIGO DAS MINHAS IMPRESSÕES DE VIAGEM.

PAGINA INTIMA.

(VI.º o n.º 30.)

Minh'alma então voando ao seio arquejante que ella me devassava, segredou-lhe um instante

mesmo de muita liberdade para com ella—mas não chegavam a gracejos ousados, porque ella immediatamente os repelliã. Respeitavão pois a sua innocencia e pudor.

Ella repartia com todos os que queria os seus affagos e caricias. Não era nada d'essas virgens insensíveis de que fallão os poetas. Não! ella prezava a todos que a *présvavam*, amava a todos que a *amavam*. Queria agradar todos para prender um.

Ella já havia áchido muitos admiradores; muitos adoradores, e muitos namorados; porem ainda nenhum noivo! Fallavam-lhe em casamento, mas em promettimentos ficava.

Com tudo, ella tinha a viva convicção de que em breve se casaria.

E tanto ella tinha essa certeza que havia lançado a luva à sua prima, para ver qual das duas primeiro cantaria a victoria.

III

Rosinha, entretanto, tendo ficado em casa, nem sequer deu peso ás palavras de sua prima. Pouco se importaria que ella se casasse primeiro ou depois. E mesmo, como

phrasas mudas, mas eloquentes, que Deus quiz que saiba, e as comprehenda todo aquelle que soffre muito.

Essa linguagema hem depressa a comprehendeu ella; porque fez-se pallida, mais pallida que d'antes, e veio tremula, e agitada collocar-se mais junto de mim.

Sua fronte altiva curvada pelo tecto de antigos edificios, curvada agora para o seio encurvado pela dor moral, que a abatia, dava-lhe a semelhança de estatua de amargura sobre um tumulo gelado.

Olhei-a, e de meu peito rebentaram lagrimas. Ella volveo um pouco a face em presenca da dor, que a lacerava, e desdobrou a meus olhos um campo arido e vasto de um só monumento que nos prenda a vida.

Uma baixa muralha alvaceita,—uma gradaria de ferro, um portam na face,—no fundo uma cruz solranceira, erma, e solitaria como minh'alma; eis o que ella no pungir de sua dôr, comprehendeu que meu coração lhe supplicava.

Sim. Não se havia enganado.

Era isso mesmo que minh'alma lhe ped'a na muda linguagem que lhe havia dirigido.

Foi por isso que ella curvou a fronte abatida, e volveu melancholica, o pallido semblante.

En exhalei um suspiro unico,—mas esse suspiro quebrou, passando todas as fibras de meu coração magoado.

Esse suspiro foi a sandaçam pungente que mi-

ella propria o disse, ainda a moça não havia pensado em casamento. Os homens parecião-lhe indifferentes; com o seu trago decente, dispensava o luxo e os enfeites, que as mulheres sempre amão; raras vezes chegava á janella —e não gostava dos louvores merecidos que a seu respeito lhe faziam.

Tão innocente, tão meiga e tão terna, era um anjo bemquisto de todos.

O seu pae, homem d'um caracter firme e nobre, havia lhe dado e continuava a dar-lhe uma educação exemplar e com o maior cuidado e interesse. As suas lições eram muito aproveitadas e observadas á risca, porque eram dadas á quem possuia uma indole tão boa e era sobremanceira doceil.

E, era por isso que Rosinha não deu á preço as palavras de Sophia, e unicamente ficou pensando muito sentida em ter sua prima um genio tão differente do seu.

Não tratou, portanto, como Sophia de empregar os meios á seu alcance e que lhe pareciam convenientes afim de obter um *noivo*.

(Continua.)

A. Britto.

na alma atirou a aquellas solidões geladas pelo sopro da morte;—esquecidas, dormentes, abandonadas no meio de uma população, que se agita, que se move, que ri, e folga; e que dorme não lembrada de suas saudades um somno tranquillo: porque a memoria do que ali jaz, não vem a noite, a hora do repouso collocar-se em torno do seu leito.

Esse suspiro prolongado doído como a agonia do moribundo, foi um echo de minh'alma febricitante, repercutido sobre as muralhas d'aquelle ambito de tristezas, ao qual eu sentia minh'alma presa, como a lousa na sepultura.

Esse suspiro, resumio um passado risonho; mas breve;—um passado feliz; mas... um presente de lagrimas e prolongadas amarguras...

Foi um suspiro intimo, doloroso;—um suspiro lento como soffoço de agonisante.

Elle passou por meu peito despedaçando uma, a uma todas as cordas da harpa gemedora de minh'alma, e foi perder-se na amplitude do ceu; porque a terra não o podia comprehender.

Deos sim,—Deos o comprehendeu; porque comprehende a grandesa de todas as dores humanas; porque as pesa na balança do soffrimento;—porque compadecido de tão agro tormento, um dia nos diz:

—Basta!

Basta, sim;—porque esse martyrio é o grito de Rachel soluçando seu filho bem-amado... é o brado do infeliz, que não homicida despenhou no abysmo;—é o suspiro doloroso da rola solitaria!...

Basta... porque esse soffrimento é o vaso de abysmo, que amargura a existencia até o extremo;—é suor de sangue a gotejar na terra, espremido pelas agonias do Horto!...

Basta em fim; porque a alma enfangece a força da dor que a dilacera;—es olhos inchados pelas agonias da vida;—o coração desfeito, e morto pelo sopro glacial da desventura, inclina-se para a borda da sepultura!...

E o vapor corria, corria sempre.

Fim.

Guimarães—72.

Maria Firmina dos Reis.

MARIETA.

PAGINAS D'UM LIVRO.

À Antonio Mello.

Vem do n. 30.

III

—Voto com o capitão! disse um dos circumstantes.

—E deve o fazer, continou elle, porque, meu amigo, eu lhe conto: na mocidade a nossa vida é um vaso de flores...

—Menos a minha, disse eu, interrompendo-o; será uma toça de carlos, chapada esteril, onde brotam unicamente doridos espinhos... o perfume dulcissimo de fragrantos flores só experimentei no herço... e lá mesmo... sabe-o Deos.

—Quero concordar, disse o arrojado marinheiro, tirando os oculos e depondo *Luniviers illustre*; mas se não fosse o Sr. tão precipitado, escutaria de minha propria bocca o reverso da bonita medalha que lhe tracei. Escutem-me, pois; e na qualidade de mais velho não admitto interrupção sem previa licença.—De uma vocação decidida pela vida maritima, com a idade de quinze annos assentei praça de grumete em um dos vasos de nossa esquadra, então sob o commando de um homem respeitavel pelo seu talento e virtudes. Comecei a navegar e o amor veio, por aquella vida crescia de ponto. Vi Portugal; e como lhes posso mostrar das minhas impressões de viagem, Lisboa, Porto, Coimbra e Braga viram os meus primeiros passos na carreira do amor... Eu que admirava o *chorado* de nossos sertanejos, extasiava-me vendo a *Canna-verde* das coradas *cachoppas* aldeans.

As obras d'arte, os aqueductos, estatuas e palacios não me influiram tanto como a simplicidade rustica d'aquelle parte da população lusa.

Os pinhaes seculares que ali abundam foram por mais de uma vez testemunhas de minhas primeiras phrases de amor, murmuradas quasi ao ouvido de rechonechudas aldeans. Ah! tempo da *esfolhada* ainda hoje te choro... Passando á Hespanha, Córdoba, Andaluzia e Madrid por fim foram theatro de minhas heroicidades... Já eu esquecia a *Canna Verde* e o *Fado* para me embriagar nos *tangos* e *boleros* tão communs entre a raça iberica... na Hespanha, quem não dança é condemnado ao ostracismo social, *ninas, muchachas y madres* vivem da dança e para a dança... Quantas *calles y plazas* não me escutaram dizer muitas vezes

Hija querida de la gloria,

Hermana del pensamiento,—

My corazon te habla de amor...

E no entanto, passando á Italia, Nápoles, Genova e Veneza varreram-me da mente a impressão do rosto gordo da *cachopa* lusitana e o pé pequeno e bem torneado da *hespanholita* dengosa. Quando a minha fraqueza de conquistador me levava a declarar que já tinha visto tudo aquillo, a napolitana espigada perguntava-me logo: *si é amatto? videre Napoli e poi morir*; e as ruas de Nápoles, apinhadas de *lazzaroni*, e os canaes de Veneza, cobertos de gondolas, testemunharam não só as minhas aventuras arriscadas, como tambem as minhas lamentações, acompanhadas ou pelo bandolim, ou pelo *realejo*.

E o mesmo deu-se á respeito da Franca, Inglaterra, Escossia, etc. etc.; as pontes do Sena, *Love's street and Garden palace* presencaram,

umas os meus devaneios d'amor, outras os protestos de correccão de minha vida extravagante. Ninguém, como eu, tão depressa se rendia a um olhar sympathico, como mais prompto era em quebrar os sagrados protestos que fazia. Tal foi a minha vida de rapaz, a de homem tem sido a mais infortunada que é possível, a de velho a mais reflectida que dar-se pode. De certo não deletei mas tenho consciencia de que convenci.

Referindo-se então a mim, perguntou:

—Ainda insiste?

—Não! não! murmuram muitas vozes a um tempo.

—Sim! monologuei resoluta.

—Apostemos! disseram-me.

—Aposto! disse.

E de facto, uma curiosa aposta foi feita entre mim e oito rapazes.

Logo, Tona, te direi o que apostamos.

(Continua).

Lina Baratta.

Consolação.

Ah! se meus olhos podessem
Ver teus olhos feiticieiros,
Os meus constantes lizeiros
Neste caminhar da vida;
E se meus labios podessem
Chegar junto aos labios teus,
Fallar-te do terno — «adeus» —
Da hora da despedida:

Dizer-te o quanto soffrido
Tem meu peito na saudade,
Já por ti, já de saudade,
Por tua causa tambem;
—Mil graças a Deus eu dava
Junto a ti ajoelhado,
Te murmurando elevado:
Sou feliz como ninguém!!

Mas, o mar que se interpoz
Ante nós tão de carreira,
Como terrivel barreira
De ser feliz me privou;
Não me deixa ver teus — olhos —
Os meus constantes lizeiros,
Os teus — sorrisos — fagueiros,
Qu'a minha lira contou.

Nem fallar do terno — «adeus» —
Que tenho tanta lembrança;
Nem da risinha esperança
Que me deu teu coração!
Mas esse amor que me votas
Tão puro, do imo d'alma,
A minha saudade acalua,
Vem me dar consolação.

Guimarães—1872.

R. M. C.

Talvez...

De ti distante é possível
Que já tenhas no olvido
E se affecto estremecido
Que outr'ora te ouvi jurar;
Talvez que já te não lembres

Do louco á quem deste vida
N'uma scintilla querida
No teu puro e vivo olhar!

Talvez que já te esquecesses
D'aquelle beijo tão doce
Com que, Emilia, firmou-se
Nosso amor em puro altar.
Era moanha e bem linda,
Dessas manhas tão serenas...
Vinha o odor das açucenas
No teu seio se infiltrar.

Talvez que já não te lembres
Desse passado de amores
Tão bello como essas flores
Que desabrochão sorrindo:
Dessas horas que passamos
No nosso amor embebidos,
Do mundo quasi esquecidos,
Só para elle existindo.

Talvez, sim, de tudo isso
Já te esquecesses... talvez!
Foi soubo que de uma vez
Beijou-te a mente—findou—
Foi uma luz que o destino
Com cruel sópro extinguiu
Foi uma flor que se abriu
E o quo o vento desfolhou.

Agosto—1872.

A. Q.

Amor e perdão!

A. A. B.

Amor é filho dos anjos,
Uma scintilla dos Céus!
O perdão é um sentimento,
Que se origina de Deus!
Quem diz amor, diz ventura,
Diz estrella de candura,
Que nos guia o coração;
Mas da vida á luta immensa
Tem alma forte de creança
Quem sabe dizer—perdão!

Amor foi verbo incarnado
No peito da linda Esther!
O perdão é quasi innato
No coração da mulher!
Virgem! n'aurora da vida
Tens de fé a alma imbuída
Tens de creança o coração!
Perdão! assim és mais nobre
Qu'a alma mesquinha e pobre
Que merece o teu perdão!

Se amor nos deixa no peito
O sulco dos raios sens,
O perdão, quando é sincero,
Mais nos chega de Deus!
Se amor é grande, elevado
No peito deixa plantado
O germen d'uma paixão;
Se vem a perjuria, o crime,
A mulher má é sublime
Dando um solemne—perdão!

30 de agosto de 1872.

Lina Baratta.